

O Amigo do Povo

ASSIGNATURAS
Serie de 12 numeros
(Pagamento adiantado) 2\$000

Toda a correspondencia deve ser dirigida a NENO VASCO
RUA GUILHERME MAW, 38 — S. PAULO — BRAZIL

PUBLICA-SE AO SABBADO

IMPORTANTE

Por inconvenientes typographicos e dificuldades de redacção e de administração, **O Amigo do Povo** continua, por algum tempo, a publicar-se quinzenalmente. Esperando torná-lo em breve semanal, contamos para isso com o decidido apoio dos camaradas.

A assignatura passa a ser por serie de numeros, para evitar que os assignantes sejam prejudicados.

O que queremos

A opressão que mais directamente pesa sobre os trabalhadores e que é a causa principal de todas as sujeições moraes e materiaes por elles soffridas é a economica: a exploração praticada sobre os trabalhadores pelos patrões e pelos commerciantes, graças ao monopolio de todos os grandes meios de producção e de troca.

Para radicalmente a supprimir, necessario se torna que o povo todo seja convencido do direito que tem ao uso dos meios de producção, e que pondo em acção esse direito primordial expropriando os detentores do solo e de todas as riquezas sociaes e pondo um e outras á disposição de todos.

Mas como o povo é ainda incapaz de proceder a essa expropriação, o que devemos fazer é prepara-lo, moral e materialmente, para ella, e tenta-la e tornar a tenta-la, sempre que nos seja fornecido ensejo por um abalo revolucionario, até ao triunfo definitivo. Mas como preparar o povo? como preparar as condições que tornem possível, não só o facto material da expropriação, mas a utilização, em proveito de todos, da riqueza commum?

A simples propaganda, falada ou escripta, já o dissemos, é impotente para conquistar para as nossas idéas toda a grande massa popular. É indispensavel uma educação pratica que seja alternadamente causa e effeito d'uma gradual transformação do ambiente. Convem que á medida que se desenvolvam nos trabalhadores o sentimento da revolta contra os injustos e inúteis soffrimentos de que são victimas, e o desejo de melhorar a propria condição, elles lutem, unidos e solidarios, pelo conseguimento do que desejam.

A vantagem principal da luta pelos melhoramentos reside na luta em si. Os operarios aprendem a occupar-se dos seus interesses de classe, aprendem que o patrão tem interesses oppostos aos seus, e que só unindo-se e tornando-se mais fortes que os senhores é que podem melhorar as suas condições e por fim, emancipar-se. Se con-

seguem obter o que pretendem, melhor ficam: ganharão mais, trabalharão menos, terão mais tempo e força para reflectir no que lhe interessa, e sentirão depressa desejos maiores, maiores necessidades. No caso contrario, serão levados a estudar as causas do mallogro e a reconhecer a necessidade de maior união, de maior energia e acabarão por comprehender que para a victoria completa, definitiva, é indispensavel destruir o capitalismo.

Mas os trabalhadores poderão realmente, melhorar as suas condições no actual regimen capitalista? Depende do concurso de innumeradas circunstancias.

Se, contra o que pretendem alguns, não existe uma lei que determine a parte que toca ao trabalhador do producto do seu trabalho, nem por isso deixa de ser evidente que o salario ha-de oscillar entre o indispensavel á vida e o que nenhum ganho deixaria ao patrão. Entre esses extremos, porem, ha uma infinidade de graus, que vão desde as condições selvagens da maior parte dos trabalhadores agricolas até ás quasi decentes dos operarios de certos officios nas grandes cidades.

O salario, a duração do dia de trabalho e todas as outras condições do trabalho são o resultado da luta entre patrões e trabalhadores. Onde os operarios com tudo se contentam ou não sabem resistir, em breve são reduzidos a condições animalescas de vida; onde succede o contrario, são tratados d'um modo relativamente supportavel. De maneira que, até certo ponto, pode dizer-se que o salario é o que o operario pretende, como classe. De certo modo os trabalhadores podem, lutando, resistindo, impedir o agravamento do seu mal-estar e ainda obter reaes melhoramentos. Demonstra-o a historia do movimento operario.

Não exaggeremos, porem, o alcance d'esta luta. Se os operarios começassem (e é urgente que comecem) a fazer exigencias que absorvessem todo o lucro dos patrões, estes chamariam em seus auxilio o governo, que com a violencia, procuraria fazer voltar os operarios ás suas posições de escravos do capital.

Os operarios tudo produzem e sem elles é impossivel viver; se recusassem, portanto, trabalhar, poderiam impor tudo o que quizessem. Mas a gréve geral, seguida da expropriação, seria a Revolução Social, e para ella se trabalha. Esperando, a gréve parcial — as mais das vezes bem parcial, visto ser difficil a união de todos os trabalhadores, mesmo d'uma só profissão e d'um só paiz que seja — não é de grande efficacia. A união dos proletarios oppõe-se a dos patrões, que, ao contrario d'aquelles que precisam de ganhar o pão dia a dia,

têm ás ordens, por meio do dinheiro, todos os productos já accumulados e assim podem tranquillamente reduzir pela fome os seus salariados. A invenção ou introdução de novas machinas, augmentando o exercito dos desoccupados; a immigração, abaixando, pela concorrência, os salarios, nos paizes onde estes eram mais remuneradores, etc. — tudo isso, que deriva do systema capitalista, contrabalança o progresso da consciencia e da solidariedade operarias; muitas vezes caminha mais depressa que esse progresso, detem-n'o e destroeo-o.

D'ahi resulta, para os operarios que buscam emancipar-se ou apenas melhorar seriamente as suas condições, a necessidade de defenderem-se contra o governo, que legitimando o direito de propriedade e sustentando-o com a força brutal, constitue em frente do progresso, uma barreira, que com a força é preciso destruir, se não se quer ficar indefinidamente no estado actual ou ainda peor.

Continuaremos.

Hoje indignamo-nos quando nos falam da escravatura antiga, dos servos da Idade Media. Pois bem: no futuro a idéa do salario será considerada tão vergonhosa como a escravatura e a servidão.

MILLERAND

A transformação libertaria

(Conclusão)

Provada, como parece estar, a integridade dos phenomenos sociaes, os os *remueurs* de idéas, ou por outra, nós, gigantes que nos precederam na lucta e que revendo a historia humana, nas suas generalidades e, tambem, especialidades, arrancaram á natureza, aos phenomenos, o segredo da sua genese, e desenvolvimento, comprehenderam a necessidade de refundir de *fond en comble* toda a sociedade, desde os caboucos até aos ornatos mais delicados da sua cupula.

É a esta transformação radical, integra, que nós chamamos a transformação libertaria, dado que a base da sociedade a edificar será a liberdade, na maior grandeza da sua acceção.

Começando por negar todas as instituições sociaes do presente, — o que nos tom acarretado o epitheto de simples negativistas — edificamos conjunctamente, apresentando a traços largos a sociedade futura.

Na ordem economica, fazendo a historia critica das instituições proprietarias chegamos a concluir que a miseria e todos os seus productos são obra do monopolio da propriedade na mão de classes privilegiadas o que só n'um estado social em que ninguém tenha o superfluo e todos tenham para viver, segundo o seu temperamento, os seus habitos, é que a felicidade material existirá.

Assim, pregando a abolição do individualismo proprietario, reconhecemos a necessidade da propriedade commum, em que todos usando o ninguém abusando, a vida esteja garantida aos seres que existem sobre a terra.

Na politica, pela analyse detalhada das suas instituições, chegamos a não comprehender a existencia da auctoridade, entrave á expansão individual — unica garantia do progresso — e eterna perturbadora do funcionamento regular das sociedades livres.

A auctoridade — garantia, a auctoridade — ordem, são velhas perleugas que já não convencem ninguém. O homem não precisa de nenhum outro homem a guial-o, em nome dos interesses sociaes.

Ninguém pratica voluntariamente actos bons ou actos maos. A sciencia moderna, essencialmente determinista, prova-o exhuberantemente. Os actos humanos são resultados das mais diversas manifestações da natureza. Quando se pratica um acto bom ou mau é porque, fatalmente se é determinado a praticá-lo. O odio ou a repulsão, a tal individuo ou a determinado objecto, tem origem na propria existencia d'esse individuo ou d'esse objecto. Se os segundos não existissem, não existiriam os primeiros. Querer, pois, determinar os actos ou o pensamento de milhões de individuos, pelos actos ou pensamentos d'um legislador, seria simplesmente infantil, se não tivesse as peores consequências sociaes. A lei que procura regularisar uma questão ou que procura determinar os actos dos individuos é absurda, e, consequentemente, são absurdos os mantenedores d'essas leis.

Temos que devendo o individuo ser livre na esfera social a auctoridade foi uma bella inutilidade, transformada, mais tarde, num requintado instrumento de opressão.

Assim, proclamamos a substituição do principio da auctoridade pelo do *accordo mutuo* entre os individuos e pela solidariedade da especie, sentimento que deve unir todos os individuos de uma cadeia animal.

Na ordem moral, observando todas as religiões, todas as explicações theologicas, toda a sciencia biblica, com bases assentes na crença do sobrenatural, collocamol-as de lado e usamos do methodo experimentalista que nos conduz ao materialismo scientifico.

Mergulhando o nosso espirito nas experiencias feitas, ou encontramos explicação dos phenomenos sociaes, ou recomecemos de novo, com tenacidade, com perseverança, até se encontrar a explicação desejada. Não acceitamos dogmas, não impomos dogmas. Para a theoria da unidade das forças physicas ser reconhecida universalmente como um facto incontroverso, não foi preciso elaborar um codigo ou publicar um decreto que nos forçasse a acceitar e reconhecer tal theoria. Foi sufficiente explicita, esclarecida e ella entrou definitivamente no dominio da sciencia como uma verdade a que ninguém se oppoz. É assim que procedem os homens de sciencia. Ide a uma reunião de sabios de valor authenticos! É tudo que ha de mais libertario. Nem votações, nem imposições. Apresentam-se argumentos, deduzem-se provas e os assistentes concordam ou não.

Ninguém se penalisa com a derrota, como ninguém se orgulha com a victoria. Estuda-se mais, observa-se mais, e quando a theoria não offerece duvidas, proclama-se. Ninguém se importou com o nome do triumphador, e só a humanidade teve a lucrar com o resultado de muitas vigílias, de muitas canceiras, de trabalhos incalculaveis.

No campo litterario, nunca se viu o decreto elevando Hugo, Tolstoi, Zola ou Nietzsche, como grandes escriptores. O poder intellectual d'estes homens é reconhecido universalmente sem necessidade de manifestações auctoritarias.

Dado este criterio libertario, nós procuramos reorganisar a sociedade *crean-*



do desde já o espirito livro que ha-de conduzir a humanidade á consciencia da sua missão.

As sociedades não caem subitamente. Como no individuo, a morte é precedida de qualquer depauperamento physico, assim na sociedade, qualquer transformação é preparada pela adaptação lenta e successiva das formas sociais que tendem a triumphar. Quando a aristocracia militar e guerreira foi batida até ao seu ultimo reducto pela burguesia, já esta tinha creado raizes profundas dentro da sociedade que procurava transformar, já tinha conquistado o direito de cidade; já conservava em pleno coração da sociedade aristocratica assuas instituições e o seu espirito doutrinario.

Quando as republicas conseguem triumphar já tem creado dentro da monarchia o seu espirito e as suas doutrinas.

Assim nós, não temos outro caminho a seguir. Elucidar os individuos, preparar a infancia, propagar o nosso credo pela persuasão, que encontra base na sciencia, e não pela violencia. O libertarismo ha de falar ao entendimento e apresentando o seu credo scientifico e social ha-de impor-se, como doutrina que aspira á felicidade. A transformação libertaria, terá, consequentemente que seguir a marcha de todas as outras idéas. E quando sentirmos a idéa, materialmente robustecida pela adhesão de grandes legiões, nesse dia estamos em vespera de plena victoria, pelo triumpho do nosso credo social.

JOSE DO VALLE

Ao povo.

Não compreis os chapéus da fabrica Diodato Lemme, rua Visconde de Rio Branco, 70 (estabelecimento na ladeira de João Alfredo 22-A), porque assim auxiliareis os grevistas nas suas justissimas reclamações.

Momentos de sinceridade

Embotou-se a ponta revolucionaria das reivindicações sociais do proletariado, para se lhes dar um matiz democratico.

Karl Marx

No partido da democracia social, no proprio grupo parlamentar, introduziu-se uma especie de socialismo *petit bourgeois* que é nocivo aos principios do socialismo moderno e á troca de todos os meios de produção em propriedade commum

Engels

Supponhamos que o Governo deixe de fazer uso do seu direito, ou convicto da sua força ou por calculo, e que cheguemos a constituir, como sonham alguns politicos socialistas, uma maioria social-democrata no Parlamento. Terá chegado o momento de reformar a sociedade e o Estado. Se a maioria resolve neste sentido, teremos triumphado? Longe d'isso, succederá que uma companhia de soldados expulsará do templo das leis a maioria socialista, e se esses senhores resistirem, quatro policias bastarão para os conduzir á cadeia.

Hebkenecht

Na sociedade socialista todos os meios de produção ficam concentrados nas mãos do Estado e nenhum modo de escolher. Os actuaes trabalhadores gosam hoje de mais ampla liberdade que aquo teriam com a sociedade socialista.

Kautsky

Os povos aprenderam á sua custa que o submittimento do homem ao homem é uma idéa falsa, uma theoria erronea, perniciosa tanto ao senhor como ao escravo. E todavia esta especie de systema social durou muitos milhares de annos, e grandes philosophos o defenderam; hoje mesmo, sob formas um tanto mitigadas, sophistas de todas as côres o sustentam e sublimam. Mas a experiencia está a terminar.

PROUDHON

Operarios!

Não trabalheis na fabrica Diodato Lemme, de Matand, Serriochio & Comp. Se atraioardes a causa dos vossos companheiros na miseria, atraioareis a vossa propria causa.

SOCIALISMO A' COMTE

(Conclusão)

Individualistas sim, somos; seu embargo procuramos estreitar os doces vinculos da fraternidade universal.

Queremos tudo para todos; o que é a mais alta manifestação do ultruismo. Somos, pois, altruistas. Comtudo não deixaremos nas mãos de meia duzia o que pertence á totalidade; porque isto não é altruismo é imbecilidade.

Egoista, é a engrenagem social que te enthusiasma, com os seus juizes impertubavelmente maus, com as suas sombrias bastilhas, com os seus medonhos tribunales, com a sua policia violenta e atrabiliaria, com os seus cartascos insensíveis e ferozes... Pois não tentaram resolver o problema social exilando os seus propagandistas n'uma ilha solitaria, em meio do Oceano embravecido!? Como se elles tivessem o direito de privar alguns de todos os thesouros, de todas as maravilhas accumuladas no decorrer dos seculos pelos nossos maiores: — estradas de ferro, telegraphos, machinas, sciencias, artes, industrias etc. Nisso podem é que não consentiremos; porque essas immensas riquezas pertencem a todos, e não desistiremos da partilha.

O anarchista é um aleijão cerebral, é um caso pathologico, como disseste. Porem a sua enfermidade é a sensibilidade extrema. É o amor excessivo, é o desejo tentador de restabelecer a ordem, é a vontade potente de encher de felicidades todos os corações e de alegrar todas as almas. E por ventura essa enfermidade não é boa, generosa, digna? Sim, confessa que ella é seductora e que os que a experimentam chegarão a comprehender que o homem é autonomo e não automato.

E a enfermidade burgueza? Ah! como é asquerosa, repellente, nauseante! É a embriaguez dos sentidos, é o excesso dos prazeres sexuaes, é a animalidade nas suas mais grosseiras manifestações; é o desbragamento das funções vegetativas, é o comer até á extravagancia de Vitellio com as suas pennas excitantes e seus repugnantes vomitos; é a ambição, é a cubiça, é a avareza, é o saque; sim é a licença, o tripudio e a loucura!

Convem, pois, que isto não é uma doença: são varias molestias minando lhe o corpo, corrompendo-lhe o espirito, apodrecendo-lhe a alma. Portanto para esses viciados, nós os homens fortes e puros, não podemos deixar de ser aleijões, casos pathologicos; porem no teu conceito não! porque tu pensas, porque tu sentes.

O anarchismo é como disseste a ultima consequencia do catholicismo. E nesse ponto, em que estás com a razão, eu não posso senão concordar contigo... Mme. Staël dissera um dia; Durante os quatorze annos da historia da Inglaterra que se pode assemelhar á da França... não ha periodo comparavel aos quatorze mezes de Terror. Que devemos concluir d'ahi? Que nenhum povo tinha sido tão desgraçado havia cem annos como o povo francez. Se os negros em S. Domingos cometeram ainda maiores atrocidades é que tinham sido mais opprimidos. (*)

Demora-te um pouco na leitura das palavras que ahi ficam.

... Porem o Anarchismo não é somente obra do clero senão de todos os exploradores. Sem acção não ha reacção; e o Anarchismo é a reacção que se ergue das profundezas do pensamento livre, que transborda dos reconditos do coração humano, dos recessos da historia contra todas as espoliações, contra todas as violencias e contra todos os attentados.

Se o padre, como dizes, proga o Anarchismo, eu não sei: mas nem por isso acho impossivel esse proceder. É velha a manobra: quando não podem impedir o desenvolvimento de uma idéa fingem abraçá-la para corrompê-la imprimindo-lhe uma directriz inteiramente favoravel aos seus ignobis interesses. Pois não vemos a padraria e a carolice nacionaes falarem em democracia catholica? Não vimos o papa recomendar, nas

(*) Vido Luiz Blanc.

suas encyclicas, a iniciativa da propaganda liberal e o illustre Dr. Manuel Victorino levantar hosannas ao jesuita a quem exhorta a abraçar a causa do povo? Não vemos, em summa, *organizar-se o socialismo clerical?*

Porem se semelhante tactica conseguiu durante seculos, illudir a boa fé dos povos, retardando o triumpho completo da Liberdade, hoje, eu t'o garanto, já não alcançará os seus malevolos desejos.

Em 1881, na cidade de Londres, deu-se um acontecimento notavel, cuja referencia se impõe. Não sei se eras então positivista; eu, entretanto, mal balbuciava. Porem... eis o facto: Reunia-se ali e naquella epoca o Congresso Internacional de Anarchistas. Alguns membros reclamaram a favor dos bons patrões e dos bons ricos. A isso respondeu o companheiro Ternevin: "Por espantoso que isto vos pareça, o bom rico e o bom patrão são mais nocivos do que os maus, e são estes que fuzilaremos em primeiro lugar. Com effeito, o mau rico semeia em torno de si o odio, ao passo que o bom leva os ingenuos a desculparem a riqueza. (*)"

Isto que ahi fica é bem significativo e mostra a quanto ascende a prevenção contra os tartufos que, comprehendendo a nossa desconfiança, deixam extravasar a sua irritação pelas columnas da imprensa burgueza. O bom padre, pois, não terá um fim menos digno.

Tu, bom amigo, não fazes mais do que trabalhar para robustecer e perpetuar o ignobil despotismo que também te esmaga. Não te faço a injuria de te suppor capaz de uma propaganda conscienciosa. Mas a verdade é que, na persuasão de que o retrogrado positivismo enfeixa todos os problemas, fortalece indirectamente o imperio da burguezia como outrora os heroicos Girondinos, sem o saber, favoreciam a realza e a contra-revolução.

Confio, entretanto na tua excellente intelligencia, na lucidez do teu forte espirito e, por isso, espero e faço votos para que no caminho de Damasco te convertas á nova fé.

Eis o que da minha parte tenho a dizer-te.

Teu amigo, admirador e grato.

MAXIMILIANO ROBESPIERRE

(*) A. de Serpa Pimentel (O Anarchismo).

Pois que outros oradores se esforçaram por apresentar os acontecimentos de Barcelona como sendo exclusivamente syndicalistas e não anarchistas, eu quero reivindicar o caracter nobremente anarchista d'esses acontecimentos como uma gloria do anarchismo.

E. MALATESTA

(Discurso no meeting de 28 de março em Londres).

Sciencia e letras

Importancia da Caridade

Mas, por mais util que seja, a caridade apenas pode ser um palliativo muito pouco effizaz perante a immensidade das necessidades e da miseria. Inevitavelmente submettida ás paixões humanas, a caridade depende das condições não só economicas, mas ainda sentimentaes do homem; effeito d'uma piedade intermitente ou de caprichos de momento, jamais attinge completamente o seu fim, e impede que poderosos esforços individuaes proporcionados ás necessidades, visto toda a amplitude do abismo, possam completa-la: e ainda quando o rico pretende, por meio d'ella restituir uma parte ou mesmo tudo o que multissimas vezes subtrahiu ao maior numero por processos muito pouco honestos, não pode conseguila; é como se, depois de ter tosquilado um cordeiro, se pretendesse tornar a collar-lhe a lã sobre a pelle; a intenção seria certamente boa, mas esta lã cortada não voltaria a aquece-lo.

As tres quartas partes das miserias escapam, com effeito, ao remedio: e as que podem ser socorridas são-n'o mal e insufficientemente, sem contar que as despesas administrativas das obras de beneficencia fazem perder o terço das rendas que vão ainda accumular-se nas caixas dos ricos,

enquanto esses institutos continuam, sob o pretexto da caridade, a submeter o pobre á gleba da egreja: foi assim que vi recusar soccorros a uma familia, unicamente porque um dos seus membros lera um jornal que nem mesmo era irreligioso; e é assim que muitas vezes, por um pão, os desgraçados são obrigados a assistir até tres vezes durante o dia ás praticas religiosas, perdendo mais tempo que o que gastariam a ganhar, trabalhando, com que se fartar.

E depois, por mais disfarçada que seja, a caridade fere sempre a altivez humana; ella deixa sem soccorro o que d'ella mais necessita, mas que, sendo mais delicado, sente mais vivamente a vergonha da esmola. Avilta o homem em vez de o levantar, apagando na sua alma todo o sentimento de dignidade pessoal e tirando-lhe toda a iniciativa para lutar e conquistar o seu proprio direito á vida. E, por maior que seja além d'isso a miseria, o egoismo humano é maior ainda; e a caridade é um simples dique de palha que tentariamos baldadamente oppôr ao fluxo trasbordante da miseria e do vicio.

CESAR LOMBROSO

(Le Crime, causes et remèdes)

Para que serve o exercito

Inculca-se assim o seu dever a esses homens. Durante o dia, nas casernas, salam-lhes da segurança da patria, de que elles são os guardas, e dos reinos visinhos cuja cubiça ameaça o territorio, mas á noite collocam-n'os em presença dos verdadeiros inimigos da plebe ainda susceptível de colera, cujo possivel assalto, cujas formas violentas de reivindicação é preciso prevér. Que engenhoso mytho o do rival estrangeiro, do adversario hereditario! elle sustenta em parte as nossas plutocracias; graças a elle, chegam estas ao admiravel resultado de mobilisar uma parte da classe trabalhadora contra a outra parte, de forma que, qualquer que seja o desenlace d'uma guerra civil, só os miseraveis lhe supportam o peso e lhe soffrem os effeitos. Todo o esforço dos moralistas, dos philosophos e dos historiadores salariados concorre também para fortificar essa fabula, para embelleza-la; derrama o mestre-escola as suas doutrinas, de modo que os pobres julgam proteger na verdade as suas choupanas que coisa alguma ameaça, e recebendo a esportula, defendem o seu direito a morrer de fome.

BERNARD LAZARE

(Les Porteurs de torches)

Recordemos, pois...

— Ouve lá, Ceschi; seria bom que hoje fosse-mos á Barra-funda, onde os trabalhadores afastados do movimento operario, dedicam o seu tempo e o seu dinheiro aos bailes e...

O caro Vezzani não pode terminar, porque os esbirros de Theodoro de Carvalho, revolver apontado, intimam o tradicional: — Vocês estão presos!

Brichantaux, Somigli & Comp. julgaram aniquilado o anarchismo no Brazil; mas Vezzani e Campagnoli deixamo-los socialistas e abraçamo-los mais tarde, anarchistas. Manejando o pincel, Vezzani (ora chamado « o reformador da perspectiva italiana »; e reformador veio a ser, brandindo a pena.

Tinham decorrido oito longos mezes quando em dezembro de 94, um telegramma — como se quizesse comunicar-nos proximas perseguições — dizia nos: *Bimbetti-S. Paulo Hoje chegamos-Felix*. Sobresaltamo-nos de alegria e a hora da chegada do comboio parecia não querer vir, o tempo avançava com um vagar torturante.

O signal de chegada soa, por fim; dois faaes vermelhos, o rumor lento da locomotiva fazem bater fortemente os nossos corações. Ouve-se então o hymno dos presos, o vagão é tomado de assalto os soldados, de baioneta calada, ficam surprehendidos. Abraçamo-nos estreitamente como se quizessemos communicar os nossos soffrimentos. Felice, Arturo, Andrea, Galileo, Alfredo e Antonio são os nomes que se confundem com os nossos; e o velho hymno da Interuacional:

Soltaviamo alta la fronte

irrompe espontaneo do nosso peito.

« L'Avvenire » — o nosso jornal nascido num periodo triste de cega anarcophobia — teve nos achados da cadeia um seguro apoio, e o primeiro jornal francamente socialista-anarchico tinha a sua existencia assegurada. (1)

O artista já não era o poeta, mas o sociologo do povo; e os operarios de todos os bairros da cidade receberam da sua boca a vulgarização da Anarchia.

Era preciso que um socialista (!) Bemto Bueno, o mesmo que dois annos antes, no 1.º de maio de 93, arengára ás turbas, em nome do socialismo, para esmagar a *hydra* — vizece, a 17 de março de 95, apoiado no art. 72 da constituição brasileira, obrigar 16 camaradas nossos a povoarem durante cinco mezes, a cela n.º 2 da imunda prisão da Luz.



Mas ainda d'esta vez, nem a anarchia, nem os anarchistas foram supprimidos.

Vello a noite de 19 de agosto de 95: tinhamos quasi terminada, uns tres ou quatro, a tingem do clandestino *Soyenire*; quando uma *farfalletta*, entregue por um soldado, nos communica: «No primeiro comboio levam-nos para... casa do diabo». Desdenhando o perigo, corremos a avisar quantos camaradas pudemos encontrar. Corremos depois a estação, e os queridos amigos, pallidos, arruinados pela humidade e pela falta d'ar, estendem-nos os braços, sorridentes.

A machina dá o signal de partida; o comboio move-se lentamente; e um grito formidavel eleva-se do vagão que encerra os nossos. E esse grito — á Anarchia — abala os que o ouvem. Aquelles cinco rostos de barba inculta apagam-se pouco a pouco, vão-se esfumando lentamente; e ao surdo rumor da locomotiva faz echo um hymno á liberdade... As nossas gargantas estranguladas não deixam passar, nem notas harmoniosas de amor, nem o grito selvagem do odio. Naquelle momento, os dois sentimentos tinham talvez adquirido em nós egual poder. Mas o primeiro acabou por vencer, e um grito despedaçado, um-Viva á Anarchia! — de esperança e de protesto, desprende-se do nosso peito. Era a saudação aos primeiros martyres da integral liberdade no Brazil. Felice Vezani, Giuseppe Consorti, Arturo Campagnoli, Lodovico Tavani, Andrea Allemoz, eram prepotentemente arrancados aos nossos affectos de amigos e de camaradas, mas a nossa causa conquistara quatro apóstolos e um martyr.

Passaram muitos annos; e as lutas quotidianas pela vida e pela liberdade mataram Beppino Consorti...

Os outros vivem e lutam, isto é: vivem!

A. DONATI

(1) Em 93, publicamos "L'Asino Umato", o, anteriormente já Botti publicara "Gli Schiavi Bianchi"; nenhum d'esses jornais porou, embora redigidos ambos por anarchistas, teve um caracter puramente libertario. A expulsão do saudoso Botti originou a morte de "Gli Schiavi Bianchi"; L'Asino Umato, caso foi suprimido durante o estado de sitio de 93-94, pelo então chefe de policia Theodoro Carvalho.

Reminiscencias

II

Rompera a madrugada de 6 de maio de 1898: um ventosinho, refrescado sobre as collinas alpestres, abriu o dia na bella planicie lombarda. O Milão que trabalha dormia ainda; apenas das chaminés das grandes fabricas volutas sombrias de fumo subiam; os fogueiros ennegrecidos tinham atulhado de carvão os ventres enormes dos enormes monstros d'aço; tudo estava prompto nas fabricas: o vapor sibilava nos cylindros esperando que a obra do homem productor regulasse em proveito de todos a sua força cega...

Pelas paredes das casas, tinham affixado manifestos timbrados com o triste escudo de Saboia: chamavam ao serviço duas classes de carabineiros da reserva, e os alistados na primeira cathogoria da classe de 74.

Que succedia na Italia? A patria era ameaçada pelo estrangeiro?... Não! O povo tinha fome...

O inverno d'aquelle anno fôra triste como nunca: folga forçada, miseria, fome, prostituição eram os anneis terriveis da terrivel cadêa de tormentos que estrangulava o povo. Quaes os remedios? Dois: carcere e prostibulo — um para o homem, outro para a sua companheira.

Na Italia, o pão custava o dobro do que custava na Belgica; os operarios já não sabiam resistir aos seus soffrimentos; muitos dos mais timidos, privados de tudo, cerradas para elles as portas da officina, eram presas do desanimo. Outros, fortes, robustos, desejosos de empregar os musculos, contorciam os braços, diziam-lhes: «Como sois inuteis! ninguem vos quer e no

entanto o mundo precisa de vós... Não tenho que calçar, e o sapateiro não trabalha; não tenho pão, e o padeiro vê-se num ocio forçado e os celleiros estão cheios!... Oh! como é triste o mundo! como é triste! Em casa tenho os filhos nús, tenho os filhos sem pão... Em casa? Mas se o senhorio ameaça atirar-me á rua?... Que fazer?... Morrer... Ah! nós os pobres, os trabalhadores, devemos morrer, como fôres arrancadas pela mão caprichosa d'uma hysterica, e ao cair incensar ainda com as nossas supplicas os instinctos vis dos nossos inquisidores?... Ah! nós devemos morrer? Pois bém! morramos, mas lutando! Ao inenos as vossas gazetas não dirão: «um miseravel morreu de fome». Queremos morrer... mas haveis de assassinar-nos bem ás claras, vilmente; o vosso delicto — ó Senhores! — ha-de ser indelovel como a vossa vergonha; os jovens, os vindouros hão-de poder dizer: «Que fizestes dos nossos paes, assassinos? Quereis um sudario rubro, burguezes? Seja: mas quando o nosso sangue o tingir, espera-vos o fim de Hercules.

E assim, naquelles dias de sacrificio, chorava a multidão, assim bramiam a legião dos miseraveis.

Pouco a pouco, a cidade desperta, anima-se. A hora do trabalho aproxima-se, o sol de maio expulsa o ventosito refrescado sobre as collinas alpestres... Aqui e alli, operarios lêem surprehendidos os manifestos regios, que os arrancam á familia; um mau humor intenso manifesta-se; e naquelle dia, em muitas fabricas, os monstros d'aço, inutilmente sibilam. E depois tudo correu simplesmente e terrivelmente.

As dez da manhã são presos tres operarios que distribuíram manifestos, incitando o povo á solidariedade. Então, dos dois mil operarios tecelões da fabrica Pirelli, poucos vão para o trabalho. Em frente d'esse estabelecimento, organisa-se uma demonstração. O Comendador Pirelli tenta arengar aos operarios: é recebido com assobios e pedradas. Vem a tropa; os operarios, que protestam, são aggreddidos pela canalha policiesca, reanimada com a chegada dos soldados. Perante este supremo insulto, a multidão começa a arremessar pedras e um operario é morto por um policia, que é immediatamente rodeado pela turba. Acodem os soldados e fazem fogo: mas d'envolta com os operarios mortos e feridos, o impundo reptil da policia cae tambem.

Cessa o fogo. Um grupo de operarios recolhe o primeiro cahido, iça-o para o tranvay electrico que da Ponte Avveso vae á Prazza del Duomo e ali se fecha, mostrando á multidão horrorizada aquelle corpo inerte que uma horrivel ferida na fronte desfigura. D'ahi, atravez da cidade, o grupo encaminha-se para o necroterio.

Da terra ameaçadora vae subindo a noite. Sente-se que alguma coisa de terrivel se prepara... Mas uma chuva torrencial cae sobre a cidade... apagando na calçada o sangue rubro dos martyres...

A' noite, tarde, organisa-se ainda uma imponente manifestação sob a galeria Victor Emanuele; o

os carabineiros effectuam prisões e... mais nada!

Tudo acabado? Não! Na manhã seguinte, os operarios desertam as officinas, em breve um cortejo imenso se forma entre Porta Volta e Porta Venezia, atravessa as ruas. De novo se apresentam os soldados e os policias provocadores, tentando desfazer a demonstração. Nunca o tivessem feito! Num momento, o cortejo divide-se: uns sobem aos telhados; outros fecham carros, tramways, carruagens, derrubam-n'os, incendiam-n'os, constroem barricadas; outros ainda cortam os fios do telephone, do telegrapho, detêm comboios, levantam rails... Todos tomam o seu lugar no combate.

Em Porta Venezia, a tropa é repellido varias vezes, apesar do fogo mortifero dirigido sobre os revoltosos. Os soldados nem as creanças poupam; um pequenito, que vae a sahir da escola, é morto por um sargento de carabineiros, cae com o craneo partido por dois tiros de revólver. Dois operarios recolhem a substancia cerebral d'aquelle innocente, presa aos cabellos, e levam os miseros restos pela cidade toda. E' horrivel; um estremecimento abala todos os corpos... E a onda da ira sobe, o trabalho é abandonado em toda a parte e de toda a parte se corre a abraçar os rebeldes. Num relampago, de todos os cantos surgem barricadas; dos telhados um diluvio de pedras, de tijolos chove sobre a tropa... Uma fusilaria continua atroa os ares.

No cimo da torrinha da Porta Ticinese um operario morto, a cabeça pendente, serve de alvo aos soldados, sedentos de sangue, na phrase de Gustavo Chiesi, o director da «Italia do Povo».

O medo apoderou-se dos officiaes que commandam o fogo incessante, ao grito de *Avanti Savoia!*... E muitos d'aquelles valentes — que valentemente fugiram na Africa deante do inimigo armado — matam creanças e mulheres.

Os mortos cobrem a terra; são sem conta. As ambulancias funcionam como em tempo de guerra, a Cruz Vermelha é insufficiente para transportar feridos.

Por tres dias, o choque se prolonga, terrivel, ululante, sangrento. Não basta a espingarda: entra em scena o canhão. E' d'um lado uma immensa multidão que se revolta contra infamissimos ultrajes; é do outro lado um exercito, amedrontado, tomado do convulsões, que mata só para matar...

E a luta continua. Em Porta Monforte os soldados de Humberto assaltam o convento, temendo que ali estejam escondidos os estudantes de Pavia. Encontram mendigos: matam uns e prendem outros. E depois, presos tambem os frades, como mais ninguem resta para matar, matam porcos!

Ah! para contar tudo, para contar todas as infamias commettidas nesses dias pelos soldados de Humberto, um livro não bastaria, seriam precisos grossos volumes, muitas paginas sangrentas e dolorosas... Ao lado de Bava Beccaris, Han d'Islande é apenas um cordeiro inoffensivo.

E nos tribunaes?

Aquella testemuha — ou antes aquelle espia, aquelle Prima, dotado d'uma ubiquidade maravilhosa,

fazendo condemnar centenas de individuos, que elle viu, á mesma hora, no mesmo dia, em logares distantes uns dos outros muitos kilometros... Esse mouchard que obtem do tribunal caserheiro illimitada confiança...

Aquelle Bacci, o aécusador, que uiva:

— Elles são anarchistas e confessam-n'o; são tristes apóstolos do odio e da vingança social; gente cheia de astucia que não deixa vestigios dos seus crimes. Condenmando-os, ninguem se engana...

Ah! aquelle Bacci!...

...Condannandoli non si sbaglia...

E... o tecelão de Prato... enganou-se?

A. CERCHIARI

EPHEMERIDES

MAIO 12 (1901) — Muitos anarchistas presos em Barcelona, porque haviam tomado parte activa no movimento grevista, são conduzidos a bordo do couraçado Pelayo. 20 (1901) — Em Nova York, declaram-se em greve 50 000 machinistas. 21 (1894) — É guilhotinado em Paris, Emilio Henry. 21 (1901) — Suicidio (?) de Gaetano Bresci no presídio de S. Stefano.

CHRONICAS

Socialismo arte nova — Um sujeito diz-nos d'alli, de S. José do Rio Pardo que o socialismo «em si mesmo considerado, quanto aos fins e aos meios que se propõe para attingir esses fins» (?) não é *subversivo* (é d'elle o grypho). Depois, uns homeus do Rio proclamam aos quatro ventos que da «prosperidade dos patrões só beneficios podem esperar os que trabalham para ella» etc. (vêr a carta do Queiroz, no numero passado). E de Ribeirão Preto, um bacharel declara-nos que, como socialista que é, não consente que se toque na integridade da patria, nem nos principios naturaes e divinos do sagrado direito de propriedade privada, affirmando-nos outro, não menos bacharel, não menos gracioso e socialista, que não se deve tirar da cabeça do povo os sentimentos patrioticos e o respeito pela propriedade, sobretudo neste momento em que a fraqueza do governo acaba de entregar um pedaço da patria aos estrangeiros!... O Acre, meus senhores!...

Socialistas! Bem diziamos nós que ha quem se apodera do qualificativo, para melhor lhe deturpar o sentido. Mas porque não adoptam outro qualquer? Ha tantos! Por exemplo: *pandegos*... É isso: pandegos fica-lhes a matar...

E se esse não serve, est'outro: *charlatões*...

Curiosos... — Ha gente muito curiosa! D'um lado e d'outro nos dirigem esta pergunta: — Como é que o *Avanti!*, embora sollicitado, não diz uma palavra para rectificar a passagem do discurso de Prampolini, que ha tempos reproduziu do «Resto del Carlino»? Perguntam uns: será esquecimento? Interrogam outros: será má-fé?

Ora o que ha-de ser?! Os amigos do *Avanti!* não lêem *O Amigo do Povo*. Nisto estamos d'acordo com Ramanzoni. Não vale a pena ler uma folhasita, cujos redactores cahem na tolice de dizer verdades perigosas, pagando ainda por cima, em vez de lhes pagarem...

Conferencia — O camarada Cerchiari realisou no dia 11, domingo, uma conferencia sobre o thema: — *Cosa vogliono gli anarchici?* — O local designado nos convites impressos era o terreno pertencente ao Palacio Penteadó; mas o proprietario quiz tambem ajudar a detor a marcha da idéa: telephonou aos inquilinos que os poria no olho da rua, caso elles permitissem na sua propriedade uma conferencia anarchista, isto é, contra o sagrado direito de propriedade...

Apesar d'isso, bastantes amigos dirigiram-se para um outro lugar e ali ou-

